

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A INICIAÇÃO AO CINEMA: EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES
ALAIN BERGALA: CRESCER NO CINEMA
20 de Fevereiro de 2013

PONETTE / 1996

Ponette

um filme de JACQUES DOILLON

Realização e Argumento: Jacques Doillon / **Direcção de Fotografia:** Caroline Champetier / **Montagem:** Jacqueline Lecompte / **Som:** Dominique Hennequin, Jean-Claude Laureux / **Música Original:** Philippe Sarde / **Direcção Artística:** Henri Berthon / **Interpretação:** Victoire Thivisol (Ponette), Delphine Schiltz (Delphine), Matiaz Bureau Caton (Matiaz), Léopoldine Serre (Ada), Marie Trintignant (mãe), Xavier Beauvois (pai), Claire Nebout (tia), Aurélie Vérillon (Aurélie), Henri Berthon (professor), Carla Ibled (Carla), Luckie Royer (Luce), Antoine du Merle (Antoine), Marianne Favre (Marianne), Benjamin Lemaire (Anthony), Hadrien Bouvier.

Produção: Les Films Alain Sarde, Rhône-Alpes Cinéma / **Produtor:** Alain Sarde / **Produtor Executivo:** Christine Gozlan / **Cópia:** da Atalanta Filmes, em 35mm, cor, falada em francês e legendada em português / **Duração:** 97 minutos / **Primeira Apresentação Pública:** 10 de Setembro de 1996, Toronto International Film Festival / **Estreia Mundial:** 25 de Setembro de 1996, França / **Estreia em Portugal:** 24 de Abril de 1998, Cinema King, Lisboa / Primeira exibição na Cinemateca.

sessão apresentada por Alain Bergala

Ponette é um filme único sobre a morte e sobre como esta poderá ser encarada por crianças muito pequenas, e em particular como uma criança poderá fazer face à morte da mãe, que falece subitamente num acidente de automóvel. Ponette é essa criança, também ela envolvida no acidente e logo deixada pelo pai à guarda de uma tia e em companhia dos primos da mesma idade. Jacques Doillon explicou os seus propósitos iniciais: “De início queria filmar um documentário sobre a representação da morte nos miúdos. Assistindo a gravações, apercebi-me de que eles baptizam o caixão como ‘a caixa’. E que para eles, quando alguém morria, ia para o hospital. Os pais têm medo de abordar o assunto e os miúdos acabam por se desenvencilhar sozinhos”.

Num filme onde a revolta do pai parece contrastar com a aparente sensatez da criança, é entre crianças (os primos, os colegas de escola) que Ponette mitigará a sua dor. E se esta é uma obra assombrada pela morte, é também uma obra dominada pela vida e pelos desejos e pensamentos de uma criança que quer à viva força que a mãe volte à vida. Ponette espera e o regresso da mãe entre a lucidez ou as brincadeiras cruéis da própria da infância (a Ponette é dito por um colega de escola que matou a mãe, porque se portou mal), entre contos de fantasmas, histórias religiosas e “fórmulas mágicas”, proferidas por miúdos e graúdos como modo de responder às várias questões de Ponette, ou apenas para fazer face às dificuldades dos outros em lidar com uma situação-limite. Todo o filme é assim dominado por uma tentativa inicialmente frustrada da pequena protagonista em rever a mãe, que acaba por se concretizar.

Desafio para Jacques Doillon, o filme é também um óbvio desafio para Victoire Thivisol, a pequena “não-actriz” a quem é dado o difícil papel de interpretar a morte da sua mãe e que terá sido escolhida entre as muitas crianças que participaram no *casting* em virtude da sua resistência e capacidade de concentração. Nunca Jacques Doillon levou tão longe o trabalho com crianças como em **Ponette**, e Victoire Thivisol é um caso exemplar de um desempenho que dificilmente encontra paralelo no cinema. Realizador e atriz revelam assim uma sintonia singular num filme em que poderíamos falar de reversão de papéis e de uma “criança-realizadora”, se extrapolássemos o que Jacques Rancière afirma a propósito de **Moonfleet**, de Fritz Lang, um filme protagonizado pelo pequeno Jon Whiteley na personagem de John Mohune, também ele órfão de mãe, que toma em mãos os destinos de um filme. Dois “*enfants-metteurs en scène*”, dois reais motores da realização de dois filmes únicos.

Como escrevia Alain Bergala, que esteve na Cinemateca em 2013 a apresentar o filme, “**Ponette** é um filme que assume todos os riscos, até se confrontar com uma das coisas mais difíceis do cinema: fazer regressar uma morta à realidade do mundo. Um dos maiores cineastas de todos os tempos, Carl Dreyer, já havia tentado e conseguido a viagem nessa zona limite do cinema, com a inesquecível ressurreição final de **Ordet**, em que a mãe morta regressa realmente à vida, graças à crença conjugada da sua filha e do seu cunhado, que há muito tempo passou para o outro lado da razão. Aqui ela só regressa para a filha e para o espectador, com desejos de crença desiguais, mas a da filha transporta consigo o do segundo.” (*Cahiers du Cinéma*, Novembro de 2005).

E é esta dimensão “transcendental” de que falava Paul Schrader, que encontramos no cinema de Dreyer, mas também no de Bresson ou de Ozu, mas é realmente em **Ordet** que não conseguimos deixar de pensar quando vemos **Ponette**. Aqui não há a personagem do genial Johannes (o “louco” da família), mas apenas a crença da pequena Ponette deixada à sua sorte e aqui, mais uma vez, os “milagres”, com a sua simplicidade, ancoram-se na pura materialidade e naturalidade da vida e nas possibilidades mágicas do próprio cinema para a sua transfiguração..

Joana Ascensão